

O marionetista

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Havia no vapor um homem já de certa idade, com um rosto tão satisfeito que, se não era enganador, ele devia ser o ser humano mais feliz da Terra. E era mesmo, dizia ele; ouvi de sua própria boca. Era dinamarquês, meu conterrâneo e diretor de teatro ambulante. Levava consigo toda a companhia, que estava numa grande caixa; era marionetista. Seu bom humor de nascença, dizia, fora purificado por um diplomado da Politécnica, e, por meio daquela experiência, se tornara inteiramente feliz. Não o compreendi de imediato, mas então ele me explicou claramente toda a história, e aqui está ela.

Foi em Slagelse, disse ele; eu dava uma apresentação na hospedaria da posta, tinha casa cheia e um público esplêndido, todo ainda sem confirmação religiosa, com exceção de duas velhas senhoras. Então chegou uma pessoa vestida de preto, com aparência de estudante; sentou-se, riu exatamente nos lugares certos, aplaudiu exatamente como devia: era um espectador incomum! Eu precisava saber quem era, e soube que se tratava de um diplomado da Escola Politécnica, enviado para instruir o povo das províncias. Às oito horas minha apresentação terminou; as crianças precisam ir cedo para a cama, e é preciso pensar na comodidade do público. Às nove, o diplomado começou suas palestras e experiências, e agora eu era seu ouvinte. Era extraordinário ouvir e ver aquilo. Quase tudo passava por cima da minha cabeça e entrava na do padre, como se costuma dizer, mas eu não podia deixar de pensar: se nós, seres humanos, conseguimos descobrir coisas assim, também devemos poder durar além do momento em que nos metem na terra. Ele fazia pequenos milagres, e, no entanto, tudo era tão simples quanto pôr o pé numa meia,

saído diretamente da natureza. No tempo de Moisés e dos profetas, um diplomado da Politécnica daqueles se teria tornado um dos sábios do país; na Idade Média, teria sido queimado.

Não dormi a noite inteira e, quando dei uma apresentação na noite seguinte e o diplomado estava lá de novo, fiquei realmente animado. Ouvi um ator dizer que, nos papéis de galã, só pensava numa única espectadora; representava para ela e esquecia todo o restante da plateia. O diplomado da Politécnica era a minha “ela”, meu único espectador, para quem eu representava. Quando o espetáculo acabou, todas as marionetes foram chamadas ao palco, e o diplomado me convidou a ir aos seus aposentos tomar uma taça de vinho. Ele falava da minha comédia, eu falava da ciência dele; creio que nos divertíamos igualmente com as duas coisas, mas eu conservava a palavra, pois havia tanta coisa na ciência dele que nem ele próprio sabia explicar, como, por exemplo, o fato de um pedaço de ferro se tornar magnético ao cair através de uma espiral. Sim, o que é isso? O espírito vem sobre ele, mas de onde vem? É como os seres humanos deste mundo, penso eu: Nosso Senhor os deixa cair pela espiral do tempo, o espírito vem sobre eles, e lá está um Napoleão, um Lutero ou alguém assim.

— O mundo inteiro é uma série de maravilhas — disse o diplomado —, mas estamos tão acostumados a elas que as chamamos de coisas de todos os dias.

Ele falava, explicava, e, por fim, era como se levantasse a tampa do meu crânio; confessei francamente que, se já não fosse um velho, entraria imediatamente na Politécnica para aprender a examinar as costuras do mundo, apesar de ser uma das pessoas mais felizes.

— Uma das mais felizes! — disse ele, como se saboreasse a expressão. — O senhor é feliz? — perguntou.

— Sim — disse eu. — Sou feliz, e sou bem-vindo em todas as cidades aonde chego com a minha companhia. É verdade que há um desejo que às vezes vem sobre mim como um diabrete, um pesadelo que cavalga meu bom humor: tornar-me diretor de teatro de uma companhia viva, de uma verdadeira companhia de seres humanos.

— O senhor deseja que suas marionetes ganhem vida, deseja que se tornem atores de verdade — disse ele —, e que o senhor seja o diretor; então seria inteiramente feliz, é o que pensa?

Ele não acreditava nisso, mas eu acreditava; discutimos para cá, discutimos para lá, e continuamos na mesma com nossas opiniões; mas brindamos com as taças, e o vinho era muito bom, porém havia feitiçaria nele, pois, do contrário, a história toda seria apenas que me embriaguei. Não foi isso, eu estava de olhos claros. Havia como que um sol no quarto, que saía do rosto do diplomado da Politécnica; pensei nos antigos deuses de eterna juventude, quando andavam pelo mundo. Eu lhe disse isso, ele sorriu, e eu teria jurado que era um deus disfarçado ou alguém da família. E era: meu desejo mais elevado seria satisfeito, as marionetes se tornariam vivas, e eu, diretor de seres humanos. Bebemos a isso; ele guardou todos os meus bonecos na caixa de madeira, amarrou-a às minhas costas e então me deixou cair através de uma espiral. Ainda ouço como caí; estava no chão, isso é certo e verdadeiro, e toda a companhia saltou da caixa. O espírito viera sobre todos; todas as marionetes se tinham tornado artistas excelentes, segundo elas mesmas diziam, e eu era diretor.

Tudo estava pronto para a primeira apresentação; a companhia inteira queria falar comigo, e o público também. A bailarina disse que, quando não estava sobre uma perna só, o teatro vinha abaixo; era ela quem comandava tudo e queria ser tratada dessa maneira. A boneca que fazia a imperatriz queria ser

tratada como imperatriz também fora do palco, senão perderia a prática; aquele que só entrava com uma carta se dava tanta importância quanto o primeiro galã, pois os pequenos eram tão importantes quanto os grandes num todo artístico, dizia ele. Depois o herói exigiu que todo o seu papel fosse composto apenas de falas de saída de cena, pois eram elas que recebiam aplausos; a prima-dona só queria representar sob luz vermelha, porque lhe ficava bem; não queria luz azul. Era como moscas numa garrafa, e eu estava no meio da garrafa, eu era diretor. Faltava-me o ar, perdia a cabeça, estava tão desgraçado quanto pode ficar um ser humano. Era uma nova raça humana em cujo meio me encontrava; desejava tê-los todos de volta na caixa e nunca ter me tornado diretor. Disse-lhes claramente que, no fundo, todos eram marionetes, e então eles me mataram.

Eu estava deitado na cama do meu quarto; como chegara ali vindo dos aposentos do diplomado da Politécnica, ele deve saber, eu não sei. A lua iluminava o chão, onde a caixa dos bonecos estava tombada, e todos os bonecos espalhados, pequenos e grandes, a companhia inteira! Não demorei a sair da cama, e todos foram para a caixa, uns de cabeça para baixo, outros em pé; bati a tampa e sentei-me em cima dela. Era uma cena para pintar! O senhor consegue vê-la? Eu consigo.

— Agora vocês vão ficar aí — disse eu —, e nunca mais desejarei que tenham carne e sangue!

Eu estava tão leve de espírito, era a pessoa mais feliz; o diplomado da Politécnica me havia purificado. Fiquei sentado em pura felicidade e adormeci sobre a caixa; de manhã — na verdade era ao meio-dia, mas dormi extraordinariamente muito naquela manhã — ainda estava ali, feliz, pois aprendera que meu antigo e único desejo fora tolo. Perguntei pelo diplomado da Politécnica, mas ele desaparecera como os deuses gregos e romanos. E

desde então tenho sido a pessoa mais feliz. Sou um diretor feliz; minha companhia não discute, o público tampouco, diverte-se do fundo do coração. Posso compor livremente todas as minhas peças. Tiro de todas as comédias o melhor que quero, e ninguém se aborrece com isso. Peças que agora morreram nos grandes teatros, mas pelas quais o público corria e gritava de entusiasmo trinta anos atrás, essas eu tomo para mim e as dou aos pequenos, e os pequenos choram como papai e mamãe choravam. Apresento “Johanne Montfaucon” e “Dyveke”, mas abreviadas, porque os pequenos não gostam de longas tolices de amor; querem desgraça, mas depressa. Já percorri a Dinamarca pelo direito e pelo avesso, conheço toda a gente e sou reconhecido; agora vim para a Suécia, e, se fizer sucesso aqui e ganhar bom dinheiro, me tornarei escandinavo; senão, não. É o que lhe digo, ao senhor que é meu conterrâneo.

E eu, como conterrâneo, naturalmente conto tudo de novo na mesma hora, só por contar.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-marionetista>